

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES DA PRAIA  
Setor de Doc. e História Regional  
CAMPINA GRANDE - PB.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CAMPUS II  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

MOVIMENTO QUEBRA-QUILOS

*João Jesus Santos de Souza.*  
JOÃO JESUS SANTOS DE SOUZA

CAMPINA GRANDE - PB.

- 1983 -

EX. 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CAMPUS II

Monografia que apresenta a Banca Examinadora composta pelos professores ELIETE QUEIROZ (Orientadora), GENNY DA COSTA E SILVA (Coordenadora) e JOSEFA GOMES (Membro) indicados pela Comissão Coordenadora de Trabalhos Monográficos do Curso de Bacharelado em História.

CAMPINA GRANDE - PB.

- 1983 -



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

## INTRODUÇÃO

O trabalho que ora apresento tem como finalidade abordar as raízes históricas, sociais, políticas e econômicas do movimento quebra-quilos. Embora não exista bastante fontes de pesquisa sobre o tema acima referido, tentarei na medida do possível, fazer uma rápida interpretação em cima do material disponível para que possamos melhor compreender esse importante movimento social ocorrido na década de setenta do século passado.

Os motivos que levaram-me a realização deste trabalho, foi a importância que tem este movimento para a história da Paraíba e do Brasil, <sup>pois</sup> onde sendo de real valor, <sup>como mais um movimento social do N.E</sup> desmerece a <sup>mereceu pouca</sup> atenção da historiografia oficial.

Em consequência, a referida monografia vai de encontro aos ideais conservadores, e mostra pontos referentes a luta de classes, a crise que assolava a região na época, dando margem para que instituições políticas, religiosas e outras, <sup>de peso</sup> em prol de seus interesses, fizessem daquele povo sofrido, objeto, jogando-os contra as autoridades governamentais.

Em sinal de protesto aos historiadores que escondem a importância desta revolta, solidarizo-me <sup>no</sup> com esta produção, na qual <sup>no</sup> preocupo-me em recuperar a memória das massas oprimidas, mostrando sua capacidade de luta contra aqueles <sup>que</sup> os desagravavam ou acabavam com suas possibilidades de sobrevivência.

*9 intelectuais*

## S U M Á R I O

### Parte I: O NORDESTE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

1. Esboço do Quadro Político-Econômico Nordestino ..... 01
2. Condições Gerais da Vida Social ..... 04

### Parte II: A REVOLTA DE QUEBRA-QUILOS

1. O Despertar dos "Matutos" ..... 11
2. O Protesto Reprimido ..... 23

Parte I: O NORDESTE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

1. Esboço do quadro Político Econômico

Nordestino.

2. Condições Gerais da Vida Social

## 1. ESBOÇO DO QUADRO POLÍTICO ECONÔMICO NORDESTINO

Durante a segunda metade do século XIX, o nordeste sofre os efeitos da crise da sua lavoura, associada ao desequilíbrio da vida financeira do país, que se reflete no conjunto da vida política, econômica e social.

A crise da lavoura nordestina teve como fator importante a grande concorrência internacional dos nossos produtos. Devido ao desenvolvimento do sistema produtivo do açúcar de Cuba e o açúcar de beterraba europeu, transformando nosso açúcar em uma atividade de pouco rendimento e não digna da realidade brasileira, que levou ao endividamento, seus produtores. Posteriormente, essa concorrência abraça a produção de algodão, que entra em sua fase crítica enfatizada pela crise, a partir do momento em que as colônias norte-americanas recuperam-se da Guerra de Secessão e passam a desenvolver esse produto, acarretando para o Brasil, principalmente os agricultores do Nordeste, a impossibilidade de competir com os plantadores da região do Mississipi. Isso contribuiu para que os senhores reconhecessem a empréstimo e como consequência, o grande endividamento dessa classe dependente da economia agro-exportadora.

Enquanto o Nordeste, é atingido por esta crise, processa-se no Sudeste, o desenvolvimento da lavoura cafeeira, que contribuiu para equilibrar a situação financeira do país. No entanto, o crescimento da economia cafeeira não trouxe reflexos positivos para a economia nordestina. Antes pelo contrário, concentrando capitais e força de trabalho no domínio cafeeiro, contribuiu muito mais para o empobrecimento do Nordeste, para o surgimento do desequilíbrio regional.

CRISES:  
NORDESTE,  
LAVOURA  
NO BRASIL  
FINANCEIRA

CRISE DA  
LAVOURA  
NORDESTE  
CONCORRÊNCIA  
DO AÇUCAR  
DE CUBA E  
DO ALGODÃO  
NORTE-AMERICANO

A LAVOURA  
CAFEZEIRA:  
CUPETA  
TUM DO PAÍS  
MAS EMPOR  
CE LINDA M  
IS O NORDESTE  
POSS OS EMP  
IS DO PAÍS SI  
PAÍS A DRA  
GRANDES.

agui

Contribuindo para o agravamento da situação da lavoura nordestina, surge uma outra <sup>entente mais</sup> <sup>elemento</sup> causadora que prejudicaria cada vez mais este panorama, <sup>antes</sup> <sup>a</sup> <sup>v.</sup> caminhando para miséria desenfreada, <sup>de população</sup> a seca, como diz Hamilton de Matos "Ao entrarmos em 1850, o Nordeste acabava de sofrer uma de suas maiores secas (1844-46), responsável por enorme mortalidade e migrações de vilas inteiras. O gado morrerá em grande quantidade vítima de fome e sede e o tifo e a varíola se abateram sobre a população subnutrida pela falta de alimentos. Os gêneros alimentícios quando existiam, eram vendidos a preços absurdos <sup>(1)</sup>, com isso diminuía-se a mão-de-obra nos plantios, junto com o problema da escassez da alimentação, em contrapartida, operava-se o alto dos preços e o quase desaparecimento dos gêneros alimentícios. Esta situação desastrosa é ocasionada por inúmeros fatores, entre eles destacando-se: o monopólio da terra, a concorrência internacional que faz com que ocorra a perda do mercado e conseqüente declínio dos preços dos produtos agro-exportadores, doenças, fome, problemas climáticos enfatizado por secas ocasionais. Em decorrência desses fatores, forma-se aglomeração de homens livres <sup>expostos</sup> direcionados a viverem a amarga situação de miséria."

Reflexos dessa situação são percebidas na província da Paraíba, onde nessa época, sua situação econômica era uma das mais declináveis, sendo inferior economicamente que a de Pernambuco no ano de 1850, não dispunha de dois contos de reis destinados à iluminação da sua capital.

D. Pedro II para continuar sua estabilidade imperial, e desarticular as possíveis penetrações de idéias republicanas, adota determinadas medidas, como por exemplo: a nomeação de governos de províncias, juntamente com seus ministros

A SECA.

EPIDEMIAS

CARESTIA

ALTA DA MÃO-DE-OBRA.

MONOPÓLIO DA TERRA.

SICAS, EPIDEMIAS, CONTESTAÇÃO DAS TERRAS, CARESTIA: A SITUAÇÃO A QUE ESTAVA EXPOSTA A CADA VEZ MAIS DESEMPREGADA, MÃO-DE-OBRA LIVRE.

O RECEITO CENTRALIZADO DO IMPERIO: SEM LUTA A MUITO A PART. CIPAÇÃO DA POPULAÇÃO.



térios, o que marginalizava<sup>m</sup> os escravos<sup>?</sup> e camponeses mais ainda, do processo político. <sup>estes</sup> Eles, que já estavam afastados definitivamente do direito de escolha de seus representantes pelo voto censitário, através do qual para votar ou ser vota do, tinha-se que possuir um determinado poder aquisitivo que capacitasse a participare<sup>r</sup> dos destinos políticos. Com isso, escravos e camponeses estavam a m<sup>er</sup>cê das resoluções, impostas pela classe dominante e não tinham nem sequer um repre sentante no legislativo que pudesse defender também seus di reitos, ficavam somente na espera das decisões, sendo severa mente manipulados por um pequeno grupo que visava benefícios próprios. Tal situação agrava<sup>va</sup>-se quando ocorre<sup>va</sup> a queda do poder dos liberais para darem passagem<sup>os</sup> aos conservadores. <sup>de</sup> Os liberais descontentes com tal ocorrido, procuram infla mar a situação, aproveitando-se do momento de crise pela qual passava a região. e Argumentavam que a situação só esta va daquela maneira porque a administração da monarquia esta va entregue em mãos dos conservadores. Usavam também os di versos mecanismos possíveis para jogar o povo de encontro ao poder, <sup>será</sup> Tal acontecimento melhor relatado no desenrolar do mo vimento Quebra-Quilos. Tais movimentos, ou melhor, manifes tações por parte dos liberais não eram realizadas com o in tuito de salvar a situação crítica do Nordeste, e sim com o simples objetivo de retornarem ao poder.

O crítico panorama político e econômico regional o casionaria o rompimento da precária paz entre as classes so ciais, e entre estas e o Estado Monárquico. As insurreições, conflitos e violência demonstravam a profundidade das con tradições econômicas e políticas, que ameaçavam transformar o Nordeste, e portanto a Paraíba e seus municípios, em palco encenado por elementos que sentiam na pele o armágo da misé ria.

LIBERAIS  
X  
CONSERVA  
DORES:  
OS DOMI  
NANTES BR  
SÃO PELO  
PODER.

part. do  
político  
colocar  
no texto.

Excluiu  
cer  
melhor

Por entre  
as classes  
Estado x  
classes?  
MARXISMO

NOTAS

1. MONTEIRO, Hamilton de Matos - Crise Agrária e Luta de  
Classes. pág.43

Local, editora, ano

## 2. CONDIÇÕES GERAIS DA VIDA SOCIAL

A formação da sociedade nordestina, deu-se em função da posse da terra que tem seu ponto de partida desde os momentos iniciais do sistema de colonização portuguesa, ~~onde~~ esse sistema <sup>fundamentou-se nas</sup> adotando doações sesmarias, concedidos à pessoas em condições de desenvolver uma produção, cuja rentabilidade atendia <sup>os</sup> interesses da coroa portuguesa e do capital mercantil.

A região Nordeste brasileira tem suas características específicas, baseadas em determinados fatores, os quais destacam-se, segundo registro de Manuel Correia de Andrade "sobressaem-se os domínios físicos, estrutura geológica, relevo, clima e hidrografia, o meio biológico, vegetação e fauna e a organização dada ao espaço pelo homem".<sup>(1)</sup> Entre esses fatores específicos citados anteriormente, sempre um deles, destaca-se para mostrar a peculiaridade que torna determinada região conhecida. No caso do Nordeste, menciona-se o fator climático, elemento atuante no panoram da paisagem e na concentração do homem. A partir, daí, merece distinção a zona da mata, como Manuel Correia a caracteriza como sendo "o seu clima quente e úmido e duas estações bem definidas - uma chuvosa e outra seca. O sertão, também quente, porém seco, não só seco, como sujeito a secas periódicas que matam a vegetação, destroçam os animais e forçam os homens à migração".<sup>(2)</sup> Entre a zona da Mata e Sertão, existe uma área com aspectos mistos com partes úmidas como a mata e outras partes secas comparando-se ao sertão, área esta denominada de Agreste ocupando Territórios do Rio Grande do Norte à Paraíba e o Leste do Planalto da Borborema, em Alagoas. No Agreste da Paraíba situa-se por sua vez o Brejo cuja caracterização favorece a produção alimentar,

Zona da Mata e Sertão: REGRÕES GEO-CLIMÁTICAS DO NORDESTE.

Agreste: (SERTÃO) REGIÃO DIVISÓRIA.

A TERRA  
FUNDA  
TO DA  
MAÇÃ  
CAL D  
PARAÍBA

Os FAT  
RES CL  
MÁTICOS  
A PECU  
PARAÍBA  
DO NOR  
TE.

confirma Hamilton de Matos e, portanto beneficiada por um clima de maior umidade, dedicando-se por sua vez a produção de gêneros alimentícios".<sup>(3)</sup>

A introdução da cana-de-açúcar no litoral e zona da mata foi facilitada pela necessidade que Portugal tinha de implantar aqui uma agricultura destinada a exportação como meio, do mesmo <sup>de</sup> suplantando a crise econômica que o assolava. Come também a existência das condições naturais de solo, clima e pluviosidade adequados ao seu desenvolvimento. Outro motivo que contribuiu para a instalação da cana-de-açúcar no litoral, foi a questão dos transportes, uma vez que o único meio de locomoção utilizado na época era a navegação, que facilitava a travessia de pequenas e longas distâncias, destacava-se também a proteção das costas brasileiras contra os ataques de invasores estrangeiros que investiam constantemente, com intuito de participarem também das explorações lucrativas; e Como último fator apontado, é a questão de dificuldade que enfrenta o colono para se deslocar ao interior do Brasil, devido o desconhecimento da região, mata fechada, relevos acidentados etc. Esses e outros fatores foram os responsáveis diretos para a introdução da <sup>na</sup> plantation de cana na extensão litoral e zona da mata.

As diversidades de serviços surgidos nos engenhos fizeram com que se lançasse mão do gado, para suprir as necessidades, principalmente a tração animal. Como esclarece Manuel Correia "os engenhos eram quase sempre movido a tração animal e tanto o transporte da cana, dos partidos para a fábrica, como o transporte do açúcar, das fábricas para os portos de embarque, estavam quase sempre a exigir grande número de bois e de cavalo".<sup>(4)</sup>, além desses animais servirem para transportar lenhas das matas para as fornalhas no engenho.

A cana-de-açúcar: principal produto colonial nordestino, veio a ser substituído pelo algodão já no século XIX mas nem por isso o comércio mudou na sociedade, que sempre foi voltada à exportação.  
A peculiaridade econômica do Nordeste, sendo suplementar aos engenhos até dando aos problemas de transportes.

Comprova-se com isso, que a todo e qualquer momento o gado era útil nos engenhos. Com o decorrer do tempo o aumento da produção do rebanho bovino faz com que tal atividade não se combine com o plantio dos canaviais, o qual poderia causar grandes destroços, <sup>devido</sup> a inexistência de arame para separar gado e lavoura, <sup>este impasse coincidiu</sup> possibilitou conjuntamente com as necessidades de maior exploração agrícola do litoral, <sup>dai,</sup> a criação de um Decreto Real <sup>em</sup> de 1701, que conservava as 10 primeiras léguas - aproximadamente 65 Km, como área exclusivamente agrícola.

A NECESSIDADE DE MAIORES EXTENSÕES DE TERRAS PARA CANA TORNOU A PGMARIA UMA ATIVIDADE ECONÔMICA INDISPENSÍVEL.

A garantia de mercado externo do país, em relação a produção da cana, valoriza o patrimônio natural pertencente a faixa territorial da zona da mata e litoral do nordeste. Essa valorização desperta o interesse dos colonizadores que, para aumentar seu poderio e maior concentração de terra, procurou por todos os meios realizar suas ambições. Assim <sup>(?)</sup> desempenharam o papel de intermediários e responsáveis pela multiplicação da produção de mercadorias, que serviriam de sustentáculo do setor econômico da metrópole portuguesa e colaboradores no processo de reprodução do capital mercantil. Com isso partem para as conquistas desenfreadas, chegando até mesmo a reivindicarem mais espaços para aumentarem suas propriedades e galgarem maiores riquezas, justificando essas reivindicações, como sendo recompensa dos gastos cometidos em combates às tropas aborígenes. Por trás desse pretexto, o que se constatava era um alto grau de verdadeira violência, exploração e expulsão do indígena de dentro de sua verdadeira propriedade. A esse respeito esclarece Manuel Correia "A luta contra os índios cariris revoltados ante a pressão cada vez maior dos pecuaristas que lhes tomavam a terra e os escravizavam, fazendo

por qualquer desculpa o que chamavam de "guerra justa", não só possibilitou o desbravamento do Agreste e de parte do Sertão, como aniquilou o poderio indígena, fazendo com que os remanescentes das poderosas tribos se recolhessem às serras, aos brejos altos menos acessíveis aos brancos e menos cobiçados pelos criadores de gado".<sup>(5)</sup> Mediante tal processo à região do brejo, restou a condição de produtora de alimentos de subsistência e fornecora para as demais regiões.

Dessa forma, ficam assim constituídas as regiões do Nordeste com suas respectivas produções: Zona da Mata e Litoral com a produção estruturada sobre a cana de açúcar, Agreste onde destaca-se a produção de alimentos de subsistência e ao Sertão, restou o desenvolvimento da criação do gado.

O espaço nordestino, tendo sido organizado assim, em decorrência de tal divisão do trabalho, estruturou-se uma estratificação social rígida, onde destacaram-se duas classes extremas e principais: dominante e dominado. A dominante que era representado pela figura do grande latifundiário, senhor de engenho e o fazendeiro proprietário das fazendas de gado, que garante seu patrimônio e todos seus direitos incluído em um ferveroso autoritarismo, através de pressões exercidas sobre os escravos e moradores agregados, responsáveis diretamente pela produção, e ao mesmo tempo serviam como proteção contra ataques de proprietários vizinhos com interesse em mais terras ou disputa de influência. Com o apoio desse exercício reprimido, estipulava normas para os diversos setores: político, social, religioso etc, e obrigava que na sua área de dominação os subordinados os acolhessem como máxima força. Por outro lado, existia a classe dos dominados encarregada da produção, constituída de moradores, agregados. Enquanto os

A "Guerra Justa" - A CANA - AÇUCAR - PULSA O JUSTO S. - PA TERRA: A ELA IN- TERS: O SERTÃO:

AS CLASSE SOCIAIS: a) PROPRIETÁRIA (DO MINANTE) DETENTORA DA TERRA REGIA TO DA A SO- CIEDADE b) NÃO-PROPRIETÁRIA TRABALHADORES (LIVRES OU ESCRAVOS) VIVIAM SUAS VIDAS A PARTIR DO PODER DO GRANDE PRO- PRIETÁRIO A SUA VAN- TAGEM

A AUTOR CRIA- DOS CAMPOS - JUVAS, INCLU- SIVE INCLU- UNDO ESCRA- VOS E CAMPO - VESES - LIVRES - UMA SÓ.

escravos estavam concentrados na lavoura de exportação, os agregados por sua vez eram encarregados da manutenção do engenho, como por exemplo: produção de alimento de subsistência para o resto do pessoal e como também a qualquer momento poderiam ser chamados pelo senhor a prestarem serviços gratuitos na fazenda ou servirem como defensores contra ataques de invasores. Esses moradores e agregados como diz Irineu Joffily "gozavam de piores condições que os escravos, pois poderiam ser postos fora das terras a qualquer momento."(6) Não concordo com a afirmação do autor por que se por algum motivo os escravos pudessem ser postos fora de uma fazenda, esse escravo ganharia a liberdade e diminuiria o número de braços nas fazendas, baixando com isso o seu desenvolvimento, caso que não era olhado com bons olhos pelos senhores.

Entre os dois grupos, dominadores e dominados, situavam-se inúmeros variedades de categorias sociais que reuniam, conforme informação de Hamilton. "Os pequenos e médios proprietários e arrendatários, os "oficiais" assalariados (como os mestres de açúcar nos engenhos e o curtidor nas fazendas de criação) ou de negócio próprio (como alfaiates, oficiais de cantaria, carpinteiros etc), os profissionais liberais e os funcionários públicos".(7)

Para manter esta separação entre dominantes e dominados a própria classe dominante cria um mecanismo que não permitia, que moradores, agregados, pequenos proprietários etc. ascendessem economicamente, ou aumentassem sua área territorial e posteriormente viessem competir com essa própria classe dominante, se ascende<sup>mem</sup>m colocariam em jogo o poder. Com isso é que em 1850 lançou-se a famosa Lei de Terra como instrumento de controle dos mesmos, além de racionalizá-las atendo somente os interesses dos situacionistas. Uma das nor

confrontar  
com a afirmação  
necessária de  
Darcy Ribeiro  
p. 9.

As "CATEGORIAS"  
DE "MÉDIOS"  
DE... ..

LEI DA TERRA  
MAIS DO QUE  
FOI: ERA PARA  
MAIS TERRAS  
CAFESCUITO

A Lei da  
Terra, 1850  
AUMENTA  
MAIS ANDE  
O CONTRO  
LE DA POPU

mas desse documento rezava sobre o seguinte: Se você quer ser proprietário, deve comprar suas terras do Estado ou quem quer que seja, que as possua a título legítimo".<sup>(8)</sup> Nesse jogo a classe desprestigiada era quem saia perdendo, por que desde o início da colonização brasileira, foram marginalizados, restringidos à categoria de trabalhadores das grandes fazendas, mesmo nas condições de foreiros, meeiros, arrendatários, tinham consigo a <sup>adlocutio fozo.</sup>responsabilidade de dar lucros para os grandes proprietários, e o que, as vezes sobrava da safra talvez contribuisse somente para repor sua força produtiva. Dessa forma nunca obteriam o necessário para a aquisição da terra própria, diz Darcy Ribeiro "Em consequência, a boa terra não dispersou e todas as terras alcançadas pelas fronteiras da civilização, foram competentemente apropriadas pelos antigos proprietários que, aquinhados, puderam fazer de seus filhos e netos outros tantos fazendeiros latifundiários".<sup>(9)</sup> Com essa imposição da Lei de Terra e seguindo as regras do documento, a terra sempre ficaria nas mãos de quem dela possui, quando muito mudava de proprietário, caía em poder de herdeiros de antigos grandes latifundiários, formando como se fosse um ciclo vicioso, <sup>dai</sup> volta Darcy confirmar <sup>Darcy</sup> o fato "foi assim que a classe dominante conseguiu duas coisas básicas: Se assegurou a propriedade monopolística da terra por suas empresas agrárias, e assegurou que a população trabalharia docilmente para ela, porque só podia sair de uma fazenda para cair em outra fazenda igual, uma vez que em lugar nenhum conseguiria terras para ocupar e fazer suas pelo trabalho".<sup>(10)</sup>

O tráfico negreiro sofre pressão da Inglaterra para chegar a uma extinção, <sup>definitiva</sup> pressão esta que resultava do interesse por sua extinção. Passando pela revolução industrial, no período do século XIX, suas indústrias necessitavam de merca

LEGAD PELA  
CLASSE DO  
NUNANTE.

O FIM DO  
TRÁFICO DE  
AFRICANOS!



dos para vender seus produtos. Sem receber <sup>o</sup>salário, os escravos não podiam ser consumidores. Interessava para Inglaterra o assalariamento dessa camada para transformarem <sup>se</sup> em compradores de suas mercadorias. Além disso, a Inglaterra julgava-se prejudicada pela concorrência brasileira que contando com o braço escravo, vendia no mercado internacional, produtos agrícolas a preços inferiores aos da produção das colônias inglesas. Com a crise da economia açucareira nordestina, um grande número de desabrigados <sup>de</sup> que viviam a circular fazenda a fazenda em busca de eventuais trabalhos, acrescenta Hamilton "O fato de serem trabalhadores eventuais, geralmente convocados nas épocas de plantio ou colheita, sob <sup>as</sup> condições de pagamento, fazia dessa gente uma população <sup>de</sup> sofrida, subnutrida e medicante muitas vezes migrando de paróquia para paróquia, à procura de trabalho e alimentos". (11)

De uma maneira geral, eles formavam a camada mais relegada e miserável da sociedade, que no entanto, <sup>é</sup> não esquecidos pela historiografia oficial e tradicional.

concluiu  
melhor.

## NOTAS

- 1 - ANDRADE, Manoel Correia de. A Terra e o Homem no Nordeste. Pág. 23 *local, editora, capítulo e ano.*
- 2 - ANDRADE, Manoel Correia de. op. cit. pág. 25
- 3 - MONTEIRO, Hamilton de Matos. Nordeste Insurgente. Pág 11
- 4 - ANDRADE, Manoel Correia de. op. cit. pág. 143
- 5 - ANDRADE, Manoel Correia de. op. cit. pág. 146
- 6 - MONTEIRO, Hamilton de Matos. op. cit. pág.
- 7 - Resumo do artigo sobre Lei de Terra, apostila metodologia do Ensino Superior, Curso de Especialização em Comunicação - FURNE. pág. 4
- 8 - Idem
- 9 - Idem
- 10 - Idem
- 11 - MONTEIRO, Hamilton de Matos. op. cit. pág.

Parte II: A REVOLTA DE QUEBRA-QUILOS

---

1. O Despertar dos "Matutos"

2. O Protesto Reprimido

## 1. O DESPERTAR DOS "MATUTOS"

O movimento Quebra-Quilos não constituiu a primeira manifestação de rebeldia da massa exploradora do Nordeste. Em 1852, eclodiu a revolta denominada Ronco da Abelha como movimento cujas determinações estão relacionadas ao Quebra-Quilos, apesar de longe no espaço, porém perto em circunstâncias históricas.

A rebelião de Quebra-Quilos, deve ser entendida sob a ótica das condições econômico-sociais e políticas a que estava subordinado o Nordeste na segunda metade do século XIX. Tais fatos foram melhor esclarecidos em itens específicos anteriormente descritos.

A região nordeste, nesta fase tinha sua situação econômica agraviada, sendo uma das razões que contribuiu ativamente para a eclosão do levante.

O movimento teve seu marco inicial, no dia 13 de novembro de 1874. O estopim da sedição registrou-se no povoado de Fagundes, município de Campina Grande, entretanto, seus tentáculos abrangentes, atingiram várias províncias do Nordeste, entre as quais destaca-se: Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Alagoas.

Nestes Estados, o movimento alastrou-se por vários municípios, conforme mostra o quadro abaixo:

Paraíba

01. Alagoa Grande
03. Alagoa Nova

02. Alagoa do Monteiro
04. Arara

Massa exploradora  
conclamar  
melhor

como?

31 de novembro  
A DATA  
ESTÁ COM  
PROVA  
MENTE CO  
VOCADA: A  
DATA EXAT  
É 31/10  
MESMO RI  
CAMPINA G  
EM 14/11  
(2) José G. Jor  
FILEY).

- |                          |                             |
|--------------------------|-----------------------------|
| 05. <u>Areia</u>         | 06. <u>Bananeiras</u>       |
| 07. <u>Batalhão</u>      | 08. <u>Bodocongó</u>        |
| 09. <u>Cabaceiras</u>    | 10. <u>Campina Grande</u>   |
| 11. <u>Cuité</u>         | 12. <u>Esperança</u>        |
| 13. <u>Fagundes</u>      | 14. <u>Guarabira</u>        |
| 15. <u>Guarita</u>       | 16. <u>Independência</u>    |
| 17. <u>Ingá</u>          | 18. <u>Itabaiana</u>        |
| 19. <u>Lavradores</u>    | 20. <u>Mata Virgem</u>      |
| 21. <u>Mogeiros</u>      | 22. <u>Natuba</u>           |
| 23. <u>Pedras</u>        | 24. <u>Pedras de Fogo</u>   |
| 25. <u>Piabas</u>        | 26. <u>Pilar</u>            |
| 27. <u>Pilões</u>        | 28. <u>Pocinhos</u>         |
| 29. <u>Salgado</u>       | 30. <u>São João</u>         |
| 31. <u>São Sebastião</u> | 32. <u>Serra das Pontes</u> |
| 33. <u>Serra Redonda</u> | 34. <u>Serrinha</u>         |
| 35. <u>Triunfo.</u>      |                             |

{ a mesma coisa  
ve.

### Pernambuco

- |                         |                                   |
|-------------------------|-----------------------------------|
| 01. <u>Bezerros</u>     | 02. <u>Boa Vista</u>              |
| 03. <u>Bom Conselho</u> | 04. <u>Bom Jardim</u>             |
| 05. <u>Bonito</u>       | 06. <u>Brejo da Madre de Deus</u> |
| 07. <u>Buique</u>       | 08. <u>Capoeiras</u>              |
| 09. <u>Cimbres</u>      | 10. <u>Garanhus</u>               |
| 11. <u>Granito</u>      | 12. <u>Igarapu</u>                |
| 13. <u>Ingazeira</u>    | 14. <u>Itambé</u>                 |
| 15. <u>Limoeira</u>     | 16. <u>Panelas</u>                |
| 17. <u>Tacaratu</u>     | 18. <u>Vila Bela</u>              |

19. Vitória
21. Aliança
23. Caruaru

20. Queimadas
22. Vertentes

### Rio Grande do Norte

01. Acari
03. Baía Formosa
05. Currais Novos
07. Jardim
09. Patu
11. Príncipe
13. Vitória

02. Apodi
04. Barriguda
06. Flores
08. Luís Gomes
10. Poço Limpo
12. Santo Antonio

### Alagoas

01. Atalaia
03. Paulo Afonso
05. São Brás
07. Traipú

02. Mundaú-Mirim
04. Pilar
06. Timbó

(1)

Porém, <sup>nossa</sup> minha atenção volta-se para a Paraíba, precisamente para o Município de Campina Grande, do qual faremos melhores estudos, levando-se em consideração a grande importância que esta cidade apresentou durante este período. Contudo, estava à época de duas importantes feiras, ou seja, feira de gado e feira de cereais e miudezas, com <sup>uma</sup> importante via de comunicação, representada pela estrada do Seridó que fazia

Em Campina Grande, uma situação geográfica de importância para a sua feira de gado e para a sua feira de cereais e miudezas.

de Campina ponto intermediário de ligação entre brejo, sertão e também litoral, fatores esses que contribuíram para tornar este local, em um ponto de reunião de comerciantes ambulantes de fazendas e vendedores ambulantes de miudezas e de gêneros alimentícios, além de contar com o concurso dos consumidores locais e de cidades vizinhas.

No pequeno povoado de Fagundes, pertencente a Comarca de Campina Grande, situado à 27 km, no dia 18 de novembro de 1874, dia de feira, o povo manifestou-se contra um novo aumento na cobrança de imposto (imposto de chão) e contra adoção do novo sistema de pesos e medidas. Situação que proporcionou a insatisfação e agressão, resultando a quebra dos novos pesos e medidas, <sup>adotados pelo sistema métrico decimal</sup> ~~fruto do Sistema Métrico Decimal~~, copiado do Sistema Francês, adotado no Brasil por intermédio da Monarquia; acontecimento este de quebra, <sup>que culminou na originando daí do</sup> ~~quebra que originou~~ a denominação do Movimento Quebra-Quilos. ( ) *nota*

*DATA EXCERDA*  
No dia 21 de novembro igual atentado se repete em Campina Grande, onde no dia de sua feira semanal, devido ao aumento de impostos existentes e criação de novos, o povo agrida o proprietário do mercado central, onde se estabelecia a feira, o senhor Alexandrino Cavalcante, o delegado e seus dois seguranças, <sup>que</sup> ~~os~~ <sup>atingido</sup> ~~quais~~ são afetados por uma barra de rapadura jogada inicialmente por João Carga D'agua, sendo seguido logo após por seus companheiros, e a partir disso passaram a quebrar os novos pesos e medidas. Destruíram posteriormente, as coletorias, câmaras municipais, cartórios, correios e outras repartições que pertenciam ao patrimônio público, fato resultante do ataque a estes órgãos, uma vez que os manifestantes pensavam que toda aquela situação irregular provinha da administração pública.

pag. 13 o m  
L 518 13.

O PRINCIPAL  
POR QUE MEX  
ANA ATARRO  
PARTICU LARÉS  
DA HISTÓRIA  
NÃO - OFICIA  
POUVAVO LÉ  
R 30 MOUSMÉ

AS INSATI  
FACÇÕES ES  
TOLICARON  
CONTRA O  
A IMPÓSTOS  
CONTRA A  
ABOÇÃO DE  
SMD. (OU  
SEJA, CON  
TRA A CA  
TALIBAGÃ  
DO PAÍS)

NA FEIRA  
A POPULAÇÃO  
ESTOUVA CO  
TRA OS IM  
POSTOS E  
A IMPRATA  
SÃO DO ME  
O SISTEMA  
DE PESOS E  
MEDIDAS,  
ATACANDO  
A POLÍCIA  
E, PROVAVE  
MENTE, OS  
COLETORES  
DE IMPOSTO  
PORÉM, NÃO  
PERDEM DE  
VISTA A RES  
POSSIBILIDADE  
DO GOVERNO  
E ATACAM O  
SEUS ÓRGÃOS  
ADMINISTRATI  
VOS: CARTÓRIOS  
COLETORES, COLETO  
RIAS, ETC...

O Legislativo aprovou o Sistema Métrico Decimal ou pesos e medidas do Sistema Francês e fez adoptá-lo no Brasil, apoiado na Lei nº 1.157, de 26 de julho de 1862 "D. Pedro II por graças de Deus e unânime aclamação dos povos, imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil: Fazemos saber a todos os nossos súditos que a Assembléia Geral Legislativa decretou, e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1º - O atual sistema de pesos e medidas será substituído em todo o império pelo Sistema Métrico Decimal Francês na parte concernente às medidas lineares, de superfície, capacidade e peso.

Artigo 2º - É o governo autorizado para mandar vir da França os necessários padrões do referido sistema, sendo ele devidamente aferido pelos padrões legais e outrossim para dar as províncias que julgar convenientes a bem da execução do artigo precedente, sendo observadas as disposições seguintes:

§ 1º - O Sistema Métrico Decimal substituirá gradativamente o atual sistema de pesos e medidas em todo o império, de modo que em dez anos cesse inteiramente o uso legal dos antigos pesos e medidas. -

A NOVA

LEI DE

PESOS

MEDIDAS

1862

A IMPLA

TIBA NA

RETA C

MOGA P

VOLTA DE

1872. (

DE ALMEI

E F. DE A

ALMEIDA).



§ 2º - Durante este prazo as escolas de instrução primária, tanto pública como particulares, compreenderão no ensino da aritimética a explicação do Sistema Métrico Comparado com o Sistema de Pesos e Medidas atualmente em uso.

§ 3º - O governo, nos regulamentos que expedir para execução desta lei, poderá impor aos infratores a pena de prisão até um mês e multa de 100\$000.(2)

A implantação brusca desse novo sistema em nosso país pode ser considerado um verdadeiro ato de barbaridade, isto porque na segunda metade do século XIX, comparando-se a França e o Brasil, notava-se uma disparidade bastante grande, tanto no meio material e cultural. A realidade francesa era totalmente diversa da do Brasil, principalmente em tratando de Nordeste, onde a massa leiga recusava-se a aceitar os novos padrões porque achavam que nesse jogo, sairiam perdendo. Para os "matutos", habituados a trabalhar com o sistema tradicional de medição, impostos por decreto, redundavam em serem roubados. Pelo o que se tem conhecimento, as tabelas comparativas não chegaram ao alcance de ninguém, assim como também descreve o parágrafo 2º desta lei, que as escolas seriam responsáveis pelo o ensinamento e explicação do novo sistema, mas isso era uma obra difícil de ser realizada em virtude dos "matutos" não terem acesso a essas escolas, ou não terem tempo disponível devido ao trabalho que lhes exigia horário quase que integral; durante a semana no campo, e nos fins dedicavam-se às feiras, e pelo que consta as insti

NÃO ERA BRUSCA? P. 15.

AS DIFICULDADES PARA IMPLANTAÇÃO DO "NOVO" SISTEMA DE PESOS E MEDIDAS: ECONOMICAS, SOCIAIS E CULTURAIS CONSUMIDORES E PRODUTORES E A POUCO ENTENDIMENTO QUE SE Tinha QUANTO A SUA REALIZAÇÃO, (POUCO CONHECIMENTO SOBRE OS MATERIAIS).

tuições de ensino nessas localidades, durante este período, eram extremamente raras, o que dificultava também a divulgação da ~~tal~~ lei <sup>através</sup> mediante das escolas. Foi um transtorno clamoroso e negativo, a substituição das medidas tradicionais como: libra, quarta, pé, polegada, braça, pedra, cuia; pelos novos que são: quilo, litro, metro etc.

Foi uma lei de cunho autoritário onde o monarca resalta "nós" no conteúdo, mas sendo um pronome monárquico, isto porque quando o povo soube da resolução ela já estava concludida, a participação desse povo é registrada somente no peso das imposições que a eles foi conferida e a "unânime a clamação do povo", foram termos usados somente para preencher espaço.

\* O imposto do chão foi outra causa importante que contribuiu para o estouro do movimento. Verificam-se, ou verificavam-se constantes reclamações e recusa de pagamento de impostos, por parte dos feirantes que iam às feiras vender a quilo que sobrava da produção do campo, cuja renda lhes permitia tirar o necessário para comprar o que não produziam, mercadorias básicas para a manutenção de sua sobrevivência.

Os abusos verificados na arrecadação de imposto; como o caso de Campina Grande, prende-se principalmente a precária situação pela qual passava o Nordeste, e que refletia em cheio na província da Paraíba. Conforme colocamos antes, os principais produtos agro-exportadores, sofriam concorrência no mercado externo, que favorecia a queda dos preços e a perda de mercado. Como consequência disso, temos o declínio da situação financeira, com a redução das receitas para a região e província. Com o objetivo de suprir o déficit dos cofres, os presidentes provinciais, câmaras municipais e

POSTO DO CHÃO:  
SISTEMA NUNCA IM-  
TO PELA USO DO  
AÇO (CHÃO) ONDE  
VENDIAM CEREAIS  
SEUS PRODUTOS.  
COBRADO TANTAS  
ES. O PRODUTO  
E CONCESSO:  
VENDEDOR LEVAM  
E O PRODUTO DO  
AO RECOLO-  
O O COBRADOR  
RIA COBRAR O  
USO, QUANTAS  
E 2550 COL-  
E).

O IMPOSTO  
TO DO CHÃO  
DUTEM CAUS  
OS IMPOSTO  
EXAMINAR COISE  
DOS LOS PRE  
RANTES SOBRE  
SEUS PRODUI-  
TOS. COM  
CRISE FINA  
CETIRA —  
IMPOSTOS  
FORAM ALI  
MENTADOS,  
ORITARAM-S  
NOVOS, ISO  
BRE A POPUL  
ÇÃO, PARA S  
PRIM U UZE  
DEIXADO PELA  
EXPORTAÇÕES  
PARA COBR  
O DÉFICIT  
PÚBLICO. A  
POPULAÇÃO  
SOBRACARRE  
CADA DE TRU  
PALHO E DE  
IMPOSTOS E  
VOLTOU-SE  
E NA REVOL  
TR. AS COL

assembléias de províncias, aprovou <sup>o</sup> aumento dos impostos já existentes como também a criação de novos. Além desses impostos, criaram coletorias por todos os lugares, que eram responsáveis pela coleta desses impostos, daí justifica-se por que razão a população sempre alvejava este órgão público, na maioria das vezes levando-o a total destruição.

O município, para livrar-se das responsabilidades, transfere para o povo os efeitos das majorações, que trazia consigo um elevado aumento no custo de vida, fazendo deste povo a base de sustentação (dos distúrbios) da organização estatal. Para facilitar-lhe a cobrança dos impostos, o poder público transferiu aos arrematadores o direito de tal cobrança. Estas, pessoas que dispunham de boas condições financeiras, por sua vez, cobravam dos feirantes a quantidade que bem lhes conviesse sem olhar para a situação de cada um, pois para os arrematadores o que lhes interessavam era o aumento de seus lucros. Assim, no caso imposto do chão, quantas vezes o vendedor ocupava determinado local, <sup>tantas</sup> tais vezes seriam cobrados. Hamilton de Matos descreve como os arrematadores procediam para explorar ao máximo ao feirantes: "Um homem pobre trazia às vezes para a feira uma certa quantidade de farinha no valor de 2\$000 rs, logo que pousasse no chão o sacco que trazia, pagava imediatamente uma certa quantia, porém se por qualquer circunstância ele mudava de lugar tinha que pagar novamente o imposto e pagaria quantas vezes mudasse de lugar, de modo que muitas vezes, sem ter vendido ainda o que trazia, já tinha pago ao exigente arrematador, o dobro do valor do que trazia para vender." (3)

"Em Pedras de Fogo, o arrematante vendo que um homem que trazia uma pequena quantidade de frutos no valor de 160 réis não lhe dava lugar a cobrar o imposto no chão, por não

TORTAS FO-  
KANA LUM  
DOS ALVO  
PRINCIPAL

OS IMPOS-  
TOS ERAM  
COBRADOS  
POR PARTI-  
CULARES,  
UM DIRETO  
CONCEDIDO  
A QUEM  
PUDESSE  
COMPRAR-LO.  
ESSES COBR-  
BORES PODIAM  
ESTABELECI-  
O VALOR A  
COBRAR, N  
AS GRAN-  
DURIDADES  
A RESISTIR  
DETERMINAR  
PORCENTAGEM  
DES GOVERNO

IMPOSTO  
DO CHÃO

querer descansar o cesto, usou o artifício de entreter com ele conservação e oferecer-lhe um cigarro, e assim que o homem, para acender o cigarro, descansou o cesto, o arrematante cobra-lhe 200 réis que aquele lhe era devedor".<sup>(4)</sup>

Desta forma, os feirantes eram explorados duplamente, pelo poder público através da majoração dos impostos e pelos arrematadores, que como vimos, conseguiam extrair o máximo de lucros.

A esses problemas, soma-se a questão da nova lei do recrutamento militar de nº 2556, de 26 de setembro de 1874, que foi uma manobra para a rápida recuperação do grande número de soldados mortos em virtude da participação do Brasil na guerra do Paraguai. A mesma classe pobre que era penalizada pela crise econômica e pelas irregularidades financeiras, entra em cena novamente, desta vez para se deparar com a imposição do governo na reconstituição de seus quadros militares. Diante disso, percebe-se o martírio que passava a população de baixa renda, pois, por intermédio da lei nº 45 de 29 de agosto de 1837, era permitido a substituição do indivíduo recrutado, ou ser dispensado, se pagava um determinado valor ao município, valor este, que possibilitava o pagamento somente por parte dos grandes proprietários. Dessa maneira o grande latifundiário, na época de seus filhos e parentes prestarem serviços a pátria, lançavam mão de escravos ou homens livres da área de seu domínio. Esta situação ganhando novo aspecto mediante o Decreto nº 1089, 14/12/1852, que qual estipulava que cada província deveria recrutar anualmente uma certa quantidade de pessoas. "Mas cada recruta ou voluntário que conseguisse dava ao recrutador o direito de re-

RECRUTA  
MORTOS, OU  
IMPOSTO  
SANGUE. F  
GUERRA DO  
NOVA LEI  
VA SUPER  
AS PERDAS  
GUERRA DO  
PARAGUAI. ESTE  
RECRUTAMEN  
TO ERA PRAT  
CASO DE FOR  
MIA VIOLENT  
(AS VESSOAGS  
SOM AMARRA  
DAS), AS CA  
SAS ERAM SA  
VAGABOS E C  
HOMENS, PRÉ  
SOS; ISTO FOI  
AGRALADO DE  
POIS QUE O  
RECRUTAMEN  
PASSOU A SER  
SABO "POR CA  
BEGA", ISTO É,  
POR RECRUTA  
BO. ALÉM DE  
SO A FORMA  
BRUTAL COMO  
OS RECRUTADOS  
ERAM TRATADOS  
OS ESSENCIALM  
VAM, DOS ESCRA  
VOS, ISTO A  
MUIS, LHE S  
CAUSAVA REVEL  
F. e

ceber 5\$, importância que foi alterada pelo Decreto 2.171, de 1º de maio de 1858, para 10\$ por recruta apurado e 20\$ por voluntário. O recruta virou negócio".<sup>(5)</sup> Esses incentivos da do ao recrutador, ou seja, porcentagem por cada indivíduo recrutado, fez com que esse comércio se intensificasse, estimulou o recrutador a partir firme, sobre o recrutado. Aproveitavam-se dos dias de feiras e uma tropa do exército cercava o local e por meio de bárbaras repressões levavam presos prováveis recrutas. Caso semelhante nas residências, onde essa mesma tropa invadia os recintos familiares e usando da violência, arrancavam os indivíduos em idade militar, ou seja, os solteiros e casados, que tivessem entre 19 e 30 anos. Muitas vezes tais soldados, serviciavam as esposas ou filhas dos recrutados, maneira esta que causou sentimentos de revolta por parte da classe desfavorecida e que estava destinada a passar por esses momentos de penúria.<sup>(6)</sup> Além disso, as revoltas também tinham seus levantes verificados em consequência da convocação que eram espalhadas pelas paredes de igrejas, coletoria e outras instituições públicas, onde se registrava a invasão de grupos de pessoas em busca de queimar esses documentos. Em razão disso, a população menos esclarecida principalmente os mestiços, achavam que essa forma de recrutamento, tinha a finalidade de tornar a pessoa escrava, somando mais esse fato, partiam para luta.

Ao mesmo tempo, os grandes proprietários também manifestaram-se contra a lei do recrutamento de 1874; uma vez que seus privilégios eram atingidos. Chegaram a protestar por meio de combates e lutas, com o intuito da manutenção do artigo favoritismo, para que pessoas abastadas continuassem sendo dispensados ou, substituídos por outros, mais precisamen

CASO LEMBRAN  
ESTADO DE  
LIBAVÁ E  
ARISTAR  
ANA DE GON  
DAS.

coloca  
note

A "NOVA" LEI  
DO RECRUTA-  
MENTO ERA  
TAMBÉM U  
ENFRENTAME  
TO ENTRE E  
TADO E GEA  
DE PROPRIE  
TÁRIO, EN  
PRESUNTO D  
TE, POTS QU  
NÃO MAIS I  
ALIVIAVA SE  
SERVICO NA  
TAN OBSECA  
RTO. Assin  
EM ALGUNS

te, os ex-escravos, mestiços, ou homens livres, uma vez que a lei em um de seus itens, dizia que seriam chamados ao serviço militar tanto o filho do latifundiário, como filho do miserável. Procura-se fazer ligação do Ronco da Abelha com o Quebra-Quilos, levando-se em consideração o registro civil e de óbitos que os participantes desse primeiro movimento, se recusavam em documentar-se, em virtude do medo de se tornarem escravos. Caso semelhante aconteceu com a lei de recrutamento militar, como também a destruição de coletorias, câmaras, cartórios etc.

CASOS, EM  
ALGUNS ME  
MELHORES, OS  
SENHORES  
APROVAVAM  
A REVOLTA.  
  
QUEBRA-  
QUILOS E  
"RONCO DA  
ABELHA":  
PONTES DE  
MILINS.

NEO ENTEN  
LONDOS ELIS  
S. CUBERAR.

EXPROPRIAÇÃO  
LONDOS DA  
MARTIN ROUS-  
SUA.

Sou completamente contrário com a afirmação da historiografia oficial, quando diz que a igreja revoltou-se em virtude da prisão do bispo D. Vital, filho de Pedras de Fogo, na Paraíba, mas que prestava seus serviços eclesiásticos em Olinda Pernambuco, motivo que segundo eles, levaria paraibanos e pernambucanos a entrarem em luta. Essa argumentação não tem fundamento, reunir um grande número de pessoas para revoltarem-se contra o poder do Estado, de uma maneira furiosa que colocavam em risco sua própria vida. Isso foi a gota d'água que fez com que os religiosos entrassem no movimento por intermédio da massa oprimida, jogando-os contra as autoridades governamentais. A igreja aproveitou-se desse ocorrido sobre o qual, os padres mostravam em seus sermões a ofensa em seus ordens morais e procuravam também, divulgar que a maçonaria de onde participava o imperador era uma obra do diabo e que o dinheiro que era cobrado dos tributos, eram desviados para realizarem outras obras diferentes da estruturação econômica da época, que se percebe na insatisfação da igreja, acreditamos ter sido fruto da perda de grande parte de seus privilégios e o <sup>mon do</sup> enfraquecimento de seu poder de dominação. Levando-se em consideração o grau de poder de alienação que

A HISTÓRIA  
GRAFIA OFI  
CENT ATRIBU  
UMA PARTE  
CERTA DO RE  
LEVANTE DA  
IGREJA NO  
MOVIMENTO  
SENDA O PR  
CAPAL ESTE  
LADO DA  
MASSA OPR  
TRA O GOVER  
NO QUE TO  
NÍFICA O  
A MASSA OPR  
NÃO PODEMOS  
RESOLVER  
ELIC NA ME  
DIDA EM QU  
O ESTADO  
TORNA-SE  
CAPITALISTA  
SU REESTAB  
DA IGREJA,  
ESTA PERDA  
DO PODER  
LUTAR PEL  
RESTAURAÇÃO  
DAS RELAÇÕES  
TRADICIONAIS  
(EM CENÁRIO  
COM O POVO  
NÃO LISANJO  
O, COMO  
QUEBREM OUS)

exercia sobre o povo, <sup>antigos</sup> advamos que de um certo modo, ela incen-  
tivou-o contra o Estado, mas tendo sempre o cuidado de não  
<sup>provocar</sup> atingir uma total ~~reestruturação, ou seja,~~ mudança do Regi-  
me. Pode ter usado o povo como instrumento para pressionar  
o poder público, a abrir excessão <sup>de</sup> de certos privilégios reti-  
rados da igreja, aproveitando-se para isso, justamente o mo-  
mento em que a situação econômica do país e região estava  
passando por um<sup>a</sup> situação crítica, o que contribuia para a  
fragilidade dos "matutos", ponto fraco que possibilitou a ex-  
ploração por parte desta instituição religiosa.

NOTAS

- 1 - MONTEIRO, Hamilton de Matos. Crise Agrária e Luta de Classes - pág. 130. *local, editora, ano*
- 2 - SOUTO MAIOR, Armando - Quebra-Quilos - pág 21 *edicao a citacoes de forma correta.*
- 3 - MONTEIRO, Hamilton de Matos. Nordeste Insurgente Pág.
- 4 - Idem pág.
- 5 - Idem pág.



2. O PROTESTO REPRIMIDO

Outra questão que de certa maneira contribuiu para que grupos de "matutos" se rebelassem contra os 'doutores', como diz Irineu Joffily, foi a crise que passava o país motivada pela mudança no comando político, tendo seus momentos de abalo, logo após a queda dos representantes do partido liberal do poder, dando passagem <sup>para os moderados</sup> ~~aos moderados~~, ocorrido no ano de 1868. Além desse acontecimento marcante, juntam-se as manifestações republicanas que a partir de 1870, tomaram impulso, com a fundação do Partido Republicano. Durante o desenrolar do movimento de 1874-1875, os partidários liberais, descontentes com sua derrubada, traçavam planos e estratégias que procurava afetar a moral dos conservadores, ao mesmo tempo que procuravam dificultar a administração, tudo com o intuito de retomarem o poder. Com isso, nota-se a atuação de seus representantes nos setores sociais, fazendo uma espécie de trabalho preparativo para jogar o povo de encontro ao Estado, munido-se dos instrumentos de comunicação para afetar a sensibilidade dos descontentes, fato este que contribuiu para o aumento da fúria deste povo sofredor. Entre estes instrumentos, destacaram-se os panfletos, jornais e os comunicados diretos e pessoais, que eram transmitidos por elementos enviados às localidades com a finalidade de orientar a resistência. Um exemplo desta campanha, são as divulgações sobre a lei de recrutamento militar, que procuravam amedrontar a população pobre, dizendo que aquilo era a "lei do cativo". Procuravam atrair a adesão do clero, incitando-o com a questão da prisão do bispo D. Vital, ao mesmo tempo que tal reação repercutia nos seguidores da religião católica. Usaram também a questão

A IDEIA  
A DISTORÇÃO  
A OFICIAL:  
OR VARECO  
REMBRAN Q/  
OPDO LI-  
L E CONSER  
UL PERTENCI  
AO MESMO

POVO NÃO

O RETORNO  
DOS CENSOR  
VALORES AO  
PODER, FAE  
COM QUE  
GRUPOS LI-  
BERAIS, JUN  
TO COM RE-  
PUBLICANOS,  
PROPAGANDE  
EM IDEIAS  
CONTRA O  
GOVERNO  
NO SEIO  
DA POPULA-  
ÇÃO. A MA  
ADMINISTRA  
ÇÃO SÃO UM  
BIBLOS OS  
PROBLEMAS  
DO POVO: OS  
IMPOSTES, O  
RECRUTAMEN  
TO, OS PRO-  
BLEMAS RE-  
LIGIOSOS.  
O PANFLETOS,  
DISCURSOS,  
SÃO ESPALHA  
DOS ENTRE  
A POPULAÇÃO  
NO INTUITO  
DE LE-AMAR  
ESTA CONTRA  
AS LITORIA-  
DES.

da cobrança dos impostos, que segundo eles, tinha<sup>m</sup> como finali-  
dade a transformação do povo à condições miseráveis como diz  
Hamilton de Matos, são "impostos pesados que absorvem todo  
teu trabalho, te reduz à miséria e matam à fome a tua mulher  
e os teus filhos".<sup>(1)</sup> Mediante tais argumentações objeti-  
varam conchamar os "matutos" à luta armada, manifestações es-  
tas reforçada por um dos itens de um manifesto intitulado "Po-  
vo", divulgado na época que dizia "Não tens um cacete, uma  
faca, um bacamarte? já estás tão fraco, que não possas com  
uma garrafa de gaz, para te vingares de quem te rouba e te  
injuria"?<sup>(2)</sup> As preparações e excitações efetivadas sobre  
a população descontente foram tantas, que o levante tornou -  
se realidade. A esse respeito, registra Hamilton "É fácil  
prever qual o resultado de tais propagandas revolucinárias .  
A faísca incendiada pelas insinuações dessa gente desordeira,  
ia se ateando no espírito do povo até a ponto de reduzir -se  
a cinzas os papéis públicos e por-se em prática o quebra-qui-  
los".<sup>(3)</sup>

A revolta trouxe consequências graves para à admi-  
nistração pública, contribuindo para o alto índice de prejuí-  
zo e fragilidade da Presidência da Paraíba, onde a mesma re-  
corre o auxílios da Província de Pernambuco, visando sufocar  
o movimento de rebeldia do povo. Em dezembro de 1874, o go-  
verno imperial, envia para a Paraíba um contingente de 750  
praças e 47 oficiais, que unindo-se as forças da polícia (Pa-  
raíba) somaram 1.023 praças, iniciou-se assim uma repressão  
violenta, que desconhecia totalmente o mínimo de sensibili-  
dade aos direitos humanos e utilizavam indiscriminadamente  
castigos corporais, tanto a inocentes como a culpados, pro-  
vocando momentos aflitivos. Ao mesmo tempo em que as forças

A REINOS-  
SÃO... NÃO  
JONHA LIMI  
TES.

nota

locais e as de Pernambuco praticavam atos selvagens, o Presidente da Província convocava contingentes do poder central. Estes chegavam quase no final do movimento popular, reforçando a repressão em massa. Diz José Américo: "Horrores foram praticados, o asilo do cidadão era violado em qualquer hora, a honra da esposa, da donzela, da viúva e da mulher honesta ficou exposta ao assalto e à violência militar, fizeram - se prisões em massa, velhos e moços, solteiros, casados e viúvos, todos acorrentados e alguns metidos em coletes de couro, eram remetidos para a capital. Alguns desses infelizes, cruelmente comprimidos e quase asfixiados caíam sem sentidos pelas estradas, deitando sangue pela boca." (4)

O colete de couro, constituia um verdadeiro instrumento de tortura repugnante, refletindo o sadismo dos torturadores. Segundo relato de Horácio de Almeida "Molhava-se o couro e cosia-se ao tronco do indivíduo para que, ao secar lhe comprimisse o tórax, a ponto de provocar vômito de sangue. Os que sobreviveram a esse suplício, diante do qual se regalava o capitão Longuinho, não escaparam da tuberculose ou das lesões cardíacas que, cedo ou tarde, os levariam ao túmulo" (5)

A derrota foi inevitável por parte dos oprimidos , levando-se em consideração, o grau de inexistência de consciência de classe, onde não tinham em que, ou a quem recorrer. Não possuíam um órgão político que estruturasse à resistência, ou assegurasse uma vitória contra os opressores , privadores dos direitos à liberdade.

O colete -  
DE COURO  
OS REVOLTO-  
SOS MOURAM  
PELO GARRINHO  
"ENCOLETADOS".

(SÓ FALTOU  
FALAR DE  
REVOLUÇÃO  
PROLETÁRIA).  
FAZEU UM  
PARTIDO, UMA  
VANGUARDIA...

NOTAS

- 1 - MONTEIRO, Hamilton de Matos - Crise Agrária e Luta de Classes - pág. 143
- 2 - MONTEIRO, Hamilton de Matos - Nordeste Insurgente - Pág 65.
- 3 - MONTEIRO, Hamilton de Matos - op. cit. pág. 145.
- 4 - ALMEIDA, José Américo de. A Paraíba e Seus Problemas  
pág. 219 <sup>edição</sup> local, Editora, ano
- 5 - ALMEIDA, Horácio de. Brejo de Areia - pág. 98.

## CONCLUSÃO

Posso concluir que a revolta do Quebra-Quilos, tem seus momentos iniciais, a partir da insatisfação que afetava os oprimidos, motivado<sup>o</sup> pelos interesses que tinha a classe opressora em maior contentação de terras, Com isso afastava toda possibilidade dos "matutos" de livrar<sup>em</sup>-se da crise econômica, política e social que assolava o nordeste. Além de serem os responsáveis pelo pagamento de pesados tributos e outras regulamentações que de um jeito ou de outro, os levavam a passos longe a uma ruína total.

Durante tal movimento, vários grupos procuraram tirar proveito, como é o caso dos latifundiários, ~~no~~ momento em que a crise afetava-os, e levava-os a uma descapitalização inevitável, além da perda de privilégios, passaram a fazer o posição às medidas governamentais, incentivando o povo contra o poder, O mesmo aconteceu<sup>ndo</sup> com os participantes do Partido Liberal, representantes da classe dominante, interessados somente na retomada da administração pública, aproveitavam o descontentamento da massa oprimida, <sup>a expunha</sup> jogavam contra as autoridades do poder, e no momento que este povo mais precisavam de apoio, nota-se uma ausência total dos liberais, deixando os "matutos" entregues ao sadismo das repressões e caminho da amargura.

Não podemos deixar de lado a igreja que fazendo o povo de objeto para recuperar os privilégios subtraídos pelo Estado. 9 *Falta concluir o reensamento*

Apesar das limitações de consciência de classe (classe em si, onde procuravam uma solução para os problemas do

momento, e não eram uma classe para si, onde procuravam maiores mudanças que beneficiasse todo o homem do campo), e da ausência de um instrumento de organização que os orientassem à resistência, percebe-se o desempenho, a capacidade de luta dos revoltados, onde não tendo a quem recorrerem em busca de justiça, acreditavam que a única maneira de adquirirem tal justiça era vingando-se de tudo que pertencia ao patrimônio público, daí a realização de queima de documentos, destruições de cartórios, câmaras municipais, coletorias, padrões de pesos e medidas etc.

Desta maneira, pode-se dizer que este foi um movimento espontâneo, mas que representava uma barreira contra as forças que os discriminavam, e que cada vez mais restringia-os a situação de miséria.

## BIBLIOGRAFIA

01. ALMEIDA, Elpídio de. História de Campina Grande - Campina Grande, Liv. Pedrosa, 1962.
02. ALMEIDA, Horácio de. Brejo d'Areia, Memórias de um município. Rio de Janeiro, MEC, 1958.
03. ALMEIDA, José Américo de. A Paraíba e Seus Problemas - Paraíba do Norte, imp. oficial, 1923.
04. ANDRADE, Manoel Correia de. A Terra e o Homem do Nordeste. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1973.
05. MONTEIRO, Hamilton de Matos. Crise Agrária e Luta de Classes. O Nordeste Brasileiro entre 1850 e 1889. *Local, editora e ano.*
06. MONTEIRO, Hamilton de Matos. Nordeste Insurgente - Resumo do artigo sobre Lei de Terra, contido na apostila de Metodologia do Ensino Superior, Curso de Especialização em Comunicação - FURNe. 1983.